



# Vidas do Fora

RESERVA TÉCNICA  
Editora G. ERGS



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RIO  
GRANDE DO SUL

---

Reitor

**Carlos Alexandre Netto**

Vice-Reitor e Pró-Reitor  
de Coordenação Acadêmica  
**Rui Vicente Oppermann**

---

**EDITORA DA UFRGS**

Diretora

**Sara Viola Rodrigues**

Conselho Editorial

**Alexandre Santos**

**Ana Lígia Lia de Paula Ramos**

**Carlos Alberto Steil**

**Cornelia Eckert**

**Maria do Rocio Fontoura Teixeira**

**Rejane Maria Ribeiro Teixeira**

**Rosa Nívea Pedroso**

**Sergio Schneider**

**Susana Cardoso**

**Tania Mara Galli Fonseca**

**Valéria N. Oliveira Monaretto**

**Sara Viola Rodrigues, presidente**

adriana da silva thoma  
ana carolina da costa fonseca  
andré pietsch lima  
andréa vieira zanella  
andresa thomazoni  
barbara elisabeth neubarth  
benito bisso schmidt  
bianca sordi stock  
blanca luz brites  
débora de Moraes coelho  
elida starosta tessler  
eugénia vilela  
helenaraújo rodrigues kanaan  
júlia dutra de carvalho  
juliane tagliari farina  
kátia maria kasper  
larisa da veiga vieira bandeira  
leonardo martins costa garavelo  
**luciano bedin da costa (org.)**  
luis artur costa  
mara evanisa weinreb  
marisa lopes da rocha  
mayra martins redin  
nara lúcia giroto  
oswaldo giacoia junior  
patrícia kirst  
paulo fernando monteiro ferraz  
regina basso zanon  
regina longaray jaeger  
sandra mara corazza  
sara hartmann  
simone mainieri paulon  
**tania mara galli fonseca (org.)**  
vera lúcia inácio de souza  
vilene moehlecke  
vitor butkus de aguiar  
viviane trindade borges

# Vidas do Fora

habitantes do silêncio

© dos autores.  
1ª edição: 2010

Direitos reservados desta edição:  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa: Carla M. Luzzatto

Ilustração da capa: Frontino Vieira. *Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro.*

Revisão: Gabriela Koza

Editoração eletrônica: Daniel Ferreira da Silva

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

---

V649 Vidas do fora: habitantes do silêncio / Adriana da Silva Thoma ... [et al.] ; organizado por Luciano Bedin da Costa e Tania Mara Galli Fonseca. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.  
381 p.: il. ; 14x21cm

Prefácio de Andréa Vieira Zanella.

Inclui ilustrações e fotografias.

Inclui referências bibliográficas.

1. Psicologia social. 2. Psicologia – Método Biografemático. 3. Potencial criativo – Internados psiquiátricos. 4. Pacientes psiquiátricos – Vida e Obra. 5. Oficina de criatividade – Hospital Psiquiátrico - Porto Alegre, RS. 6. Saúde mental – Políticas públicas. I. Thoma, Adriana da Silva. II. Costa, Luciano Bedin da. III. Fonseca, Tania Mara Galli.

CDU 159.954.4-056.34

---

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.  
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)  
ISBN 978-85-386-0087-9

W<sup>2</sup> do registro: 3896

W<sup>2</sup> da obra: 1178

Data: 10/01/2010

## Vida Incidental I

VERA LÚCIA INÁCIO DE SOUZA

A vida da escrita dura sem poder juntar todas as sílabas do sentido. Surgem resquícios de pensamento que encontram velocidades desdobráveis. São âncoras de poeira suscetíveis à contração por variação de zelo. Frontino teve um gramofone quando jovem, com o qual ouvia as canções que compunham o desenho do torso sem rosto da mulher dos seus sonhos. Ter instrumento é algo que ainda soa como quem tem posses. Possuído, despossuiu-se.

*Qual o lugar mais perto do Corazón de um homem?*

São Jerônimo é mais perto de Porto Alegre do que se supunha. O mapa rio-grandense tem muitos rabiscos intencionados a apontar seus loucos no Hospício São Pedro. Estradas tortuosas de saibro faziam paisagem. Nas margens do Jacuí, São Jerônimo é dessas que se poderia arriscar um percurso pelas águas. Caminhos que esperavam o quê?

Frontino é desses infames de quem resta quase nada. Vidas apagadas no silêncio sempre há. Essas, assoladas pela loucura trazem um ruído quase inaudível. O esforço por escutá-las golpeia a foice a calcificação das pedras.

*Como se lê um arquipélago?*

O campo santo dá um número aos loucos quando mortos. Aquém dos anos de reclusão, não serão herdeiros nem de um palmo. São três anos para fazer. A história da cultura reitera o tracejado do que foi em vida, em morte.

Frontino lembra o que vem à frente. É o que tem a testa grande. Teria sido o primogênito? Uma ordem aleatória de ser cuja ex-

pressão do olhar envelhecido carrega a lentidão das lágrimas que estão a muito por ruir, e não ruem. Pedras de mau agouro são rachadas com sua longa permanência, com sua recusa a responder ao aparato manicomial, com seu terno sorriso.

## Vida Incidental II

A morte dos loucos e a poeira quase já sem marca. Corpos quase apagados pelos infortúnios de uma vida, um tanto sua, um tanto nossa. Umas e outras insistem. Apegam-se e refazem-se no encontro, as deles e as nossas. Como encanto.

Frontino é pinçado pela biógrafa como um desses seres paradoxais entre poeira e contrações de um nome pandêmico: os loucos. Falecido, de corpo; vivo em nossas palavras. Entre tantos loucos, fez-se visto em seu disparate colorido e criativo. Ativou um processo de composição que o lança em uma duração. A linha e a expressão de seu gesto ganham leitores. Oferecem-se como enigmas soprados de um corpo já quase sem rosto e que forçam a pensar.

Ele se dá a ver como nas ocasiões em que se perde a chave de casa e o banco da rua já está ocupado. Sua obra carece de tradução; seu fazer não poderia oferecer qualquer conclusão. As pinceladas bem podiam ser contadas, e este ato pouco serviria. As obras eram 664, e já não são. Insistem em aparecer, como jazida perdida no acervo babélico. Têm, em seus leitores, a confirmação de que partiram do mesmo autor. Traduzem-se como assinatura. Ganham sobrevida. Incidentalizam não mais uma vida qualquer.

Nos fatos ligeiros de um dia, a vida se recoloca. É possível escutar sua faceirice em um passeio de auto, em ver marrecos e tomar Pepsi-Cola. Seu rosto aparece sorrindo diante do vento que entra pela janela. A paisagem em movimento, a cidade reenquadrando-se e perdendo-se diante de seu olhar. A vida que se mostra poderia ser de qualquer um, com todas suas tolices repetidas a cada dia. A dele ganha extraordinariedade pela longa e medonha reclusão.

Antes da clausura, apresentava dores de cabeça, que lhe faziam só querer uma cama com cobertas quentes e um sosseguinho para

logo-logo curar. Abandonava-se ao tempo com os cotovelos sobre os ouvidos e o corpo estirado. Incomodava os de casa, com suas noites sem dormir. As imagens fabulavam peripécias, e era preciso acudir. O que insiste de vida vem em chamas e dilacera o habitar. Em desespero partilhado, o pai adotivo leva as mãos à frente e deixa que se vá seu moço de vinte e cinco anos. Uma mistura difusa de sentires que rasga o cotidiano de todos, arrasando em dores de solidão os dias de espera.

Frontino subtraído de lá, atravessa os anos quieto e atento. Passa a dizer que mora no São Pedro.

Um vulto o ameaça: os velhos e a revolução. Frontino diz que estão chegando, e isso é ouvido como delirante... Aplacado pelo tormento do inapreensível, abateu-se. Chegou ao São Pedro com inúmeras versões, todas sucumbidas, algumas diagnosticadas com nomes diferentes. Incurções rápidas ditam as formas categóricas de cada época. Lúcido e confuso, expressam o que dessa vida? Lateja o cotidiano de um ser que fala quando perguntado, que faz quando mandado. A vida sem queixa clínica acomoda-se letargicamente diante dos que se dão ao mero cuidado de sua existência. Transfigura-se pelos anos. E, ainda assim, sorri.

Refeitas refeições sem feições. Todos comiam lá. Ele andava pouco interessado nas comidas de todo dia, e isso se confabulava em uma anemia. Soprava tanto o feijão escaldante que, por fim, já não o comia. Que apetites tinha ele? Fraquejava e emagrecia. A idade aplacava ou a dieta de cinquenta e quatro anos sobrevinha? Sempre se morre, mas ele vertia ainda traços em cores.

Em 1985, desenhava paisagens da natureza e casas. Tracejados que só podem ser vivificados nas palavras-correnteza de quem atenta para suas sutilezas. Houve época em que, então, era visto por outro tracejado, cujas linhas apontavam para outras direções e compunham figuras distintas do que sua coleção atualmente comporta. Hoje, escritores fazem vingar um Frontino ao presentificarem os gestos silenciosos de uma vida. Obras e biografia seguem encenando os dias e os gestos-loucos de um fazer rítmico e de sustento. O sorriso convalescente de Frontino oferece-se como uma tênue luz para a nossa aproximação. Uma lamparina ainda se mostra. Tateamos aquela vida apenas pelos rastros e suas poeiras. Fazemos uma mistura de corpos



para aquecer aquilo já tido como morto e gélido, e, assim, buscamos extrair potência de vida dos dias e noites daquele homem anêmico.

Prosseguindo nos caminhos de um tempo perdido, vemos que, sorrateiros, chegam-lhe os cabelos brancos de um homem já idoso. Hiperventilada, vem a notícia de que Frontino está com enfisema. Assolado pela crescente busca de ar, ele vai sentindo as ranhuras dos anos sufocados e sufocantes.

Nele, revela-se a imagem da doença que o degenera, embora persista nas lembranças dos convivas a figura de um homem que se alegra ao tocar gaita à porta do galpão. Cantigas de outrora misturam gostos de juventude e embalam as tardes com sabor de chimarrão. Compreendemos que, no aparato hospitalar, frequentemente as coisas nos puxam para diversos sentidos ao mesmo tempo. Aqui, tudo tende a se embaralhar e nem sempre se pode identificar o que fala em tais agenciamentos. Frontino, afeiçoado às lidas do campo, mostrava-se disposto à hortoterapia. Gostava de plantar, porém não queria morar em Itapuã. Pequenos desatinos atualizam suas impressões. E, para nós, resta o ensejo que resvala no sabor poético e a curiosidade sobre o que ele teria conhecido de Itapuã.

De todas as horas vividas, o que é possível lembrar? Frontino paira na porta de um consultório. Investiga os objetos, sorri quando é surpreendido. Permanece tranquilo, pensando que aquele espaço é tão pequeno e reservado. Aconchega-se com ar deslizante e responde que sabe ler. Aceita tomar uma revista e boceja algumas palavras. Sai, por fim, contente com o encontro.

Frontino nos aparece em fragmentos. As datas dos acontecimentos, quando presentes, flutuam em tempos verbais deflagradores da expressão atemporal de sua existência. O enigma de sua insistência em pintar permanece.

Sonhos de ter um auto comprado com sua obra. Frontino imagina-se produzindo moeda, e quer correr em outro tempo. Sem escola de arte que lhe ensine o traço, ele o experimenta e o alia a uma possibilidade de troca. Transpassa-se aí um subterfúgio de produção, fadado a escorrer-se no veio da inconcretude, mas movente no respiro atento que estabelece com seu próprio traçado. Como numa rajada de suspiro que faz revoar os pássaros pueris e a lassidão dos arquivos, rumoreja sua vida.